

Uma exposição com 45 fotos de Ilana Lansky e Edilson Martins mostra a vida dos índios num painel de várias culturas

# XINGU

## A vida dos índios contada na TV em onze capítulos

Miriam Lage

**Í**NDIOS, do nascimento à morte. Suas crenças, o estreito e mágico relacionamento com a natureza, o ritmo de vida, namoro, casamento, sonhos e medos. Esse é o tema de *Xingu, a Terra Mágica dos Índios*, que estréia hoje à noite, às 22h20min, na TV Manchete. São 11 capítulos, exibidos às segundas-feiras e reprisados às 15 horas de domingo, horário escolhido para atingir o público infanto-juvenil.

É o mais ambicioso projeto da Intervídeo. Em fevereiro do ano passado, a produtora encomendou ao jornalista Washington Novaes uma série que retratasse o índio brasileiro. Por questões práticas, ele decidiu concentrar o trabalho na região do Xingu e levou o roteiro para aprovação da Funai. Durante quatro meses o projeto ficou engavetado, esquecido na crise que terminou com a mudança da direção do órgão. Em junho, com a indicação de Megaron para o posto de diretor do Parque, a Intervídeo finalmente recebeu o sinal verde e, pela primeira vez, os índios recebem direitos de imagem: Cr\$ 35 milhões.

A idéia de Washington Novaes era estruturar um seriado sem cientificismos, uma reportagem que mostrasse o índio brasileiro da forma mais real possível, sem os ranços dos livros escolares e a fantasia do cinema. Com uma equipe pequena, partiu para o Xingu em julho e, durante mais de dois meses, percorreu cerca de 300 quilômetros a pé, navegou 70 horas pelos rios que cortam o parque e recolheu 50 horas de fitas gravadas. Num longuíssimo trabalho de edição, dividiu o material em temas que variam do nascimento de um índio à organização social e política de uma tribo, passando pelo relacionamento entre os sexos, a magia, medicina, velhice, morte e a convivência com o homem branco.

A série é um importante documentário sobre uma região ainda quase intocada, desconhecida dos homens das grandes cidades. É um retrato precioso das 16 nações que, hoje, povoam o parque do Xingu. Algumas décadas atrás, esses índios eram guerreiros, lutavam entre si e devoravam o guerreiro capturado. As nações estão pacificadas e unem-se, cada vez mais, em defesa de suas terras. Uma das poucas lembranças dos tempos de guerra é o ritual do javari, mostrado pelo programa. Na tela, dançam os índios vaurás, um dos grupos com a cultura mais preservada no Xingu.

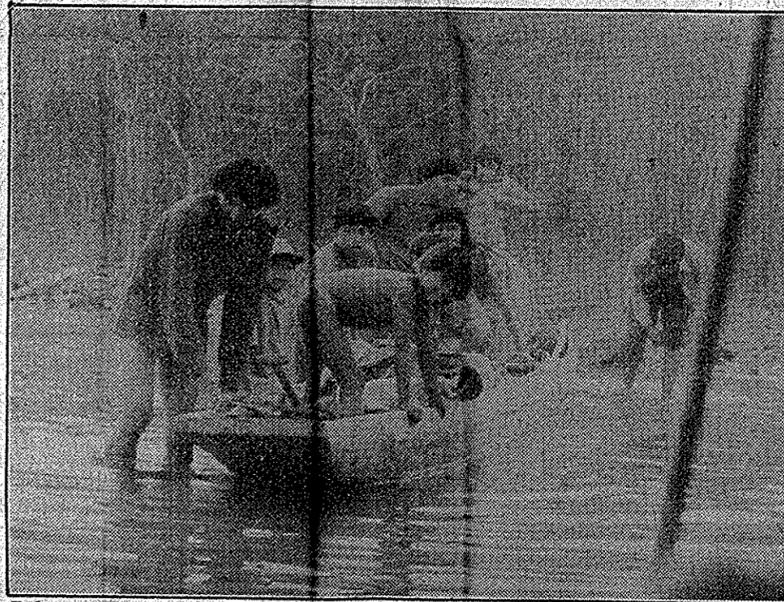
O programa desta noite começa com cenas da aldeia Kuikuro, no Alto Xingu. São cerca de 200 índios, distribuídos em 19 casas

plantadas às margens do rio Kuluene. Os homens tocam flautas e as mulheres os acompanham, com o rosto e o corpo pintados com urucum e jenipapo. Está sendo preparada uma das mais importantes festas do ritual indígena, o Quarup, homenagem aos mortos ilustres. A câmera capta cada etapa da festa, preparada num ritmo lento, incompreensível para o civilizado. O índio, no Xingu, passa meses polindo o arco, afiando a flecha e dança dias e noites inteiras, vive suas tradições e convive com o mistério.

Para hoje à noite, a Intervídeo preparou uma espécie de apresentação da série. Na próxima semana, *Xingu, a Terra Mágica dos Índios* conta como nasce, vive e morre o índio. Acompanha a aflição de uma tribo, o trabalho dos pajés para ajudar uma mulher, a dar à luz ao filho atravessado em sua barriga. Mostra, também, como é a relação entre a criança e seus pais, todo o trabalho da tribo para que a criança se torne auto-suficiente com cinco, seis anos de idade. No terceiro programa, a adolescência é o tema. O jovem índio passa por um período de reclusão que varia de um a quatro anos. É o período de meditação, de aprendizado da vida adulta. A série acompanhou as provas de oragem exigidas para essa passagem à vida adulta: os meninos têm que derrubar, com as mãos, uma casa de marimbondos.

Um dos episódios mais trabalhosos para a equipe da Intervídeo foi o que trata do relacionamento entre homens e mulheres. Washington Novaes conta que houve a maior dificuldade para documentar o namoro entre eles e só conseguiu as cenas que buscava quando ensinou a um dos índios a manejar a câmera. "Foi um trabalho muito difícil, os índios são extremamente discretos em sua simplicidade. Toda a série deu trabalho mas acho que o resultado bate com a resposta: é um grande retrato, sem juízos de valores. Chegar perto de um índio, de sua cultura, exige mudança radical de perspectiva. Como se o olho passasse a ver pelo lado oposto, no sonho, no inconsciente".

*Xingu, a Terra Mágica dos Índios* é uma boa oportunidade para um melhor conhecimento do índio brasileiro. Na época da descoberta, calcula-se que chegavam a mais de três milhões e, hoje, não passam de 150 mil. O ponto alto do seriado é a fotografia de Lula Aratújo, imagens que são verdadeiras pinturas.



Pela primeira vez, a TV pagou direitos aos índios pela imagem: Cr\$ 35 milhões



As crianças no Parque Nacional são auto-suficientes com cinco, seis anos.

## As imagens da resistência indígena

Luciana Villas-Bôas

**A** consciência indigenista, hoje em dia tão difundida entre setores da sociedade brasileira, representa certamente uma das mais radicais transformações ideológicas ocorridas no país. Entre a marchinha *Índio Quer Apito* e os plásticos colados nos automóveis das grandes cidades, pedindo a demarcação das terras indígenas, não se vão mais do que 25 anos. A transformação ocorrida foi obra dos próprios índios, mas contribuíram para ela o empenho dos sertanistas Orlando e Claudio Villas-Bôas e o trabalho de toda uma geração de repórteres, como Etevaldo Dias e Elián Lucena, que, a partir da década de 70, mudaram o enfoque tradicionalmente dado ao tema pela imprensa.

O jornalista Edilson Martins foi, desta geração de repórteres, o que mais apaixonada e obstinadamente cobriu a questão indígena. É a partir de sua vivência entre os índios que ele, junto com a fotógrafa Ilana Lansky, inaugura amanhã, no Museu do Parque da Cidade, a exposição *15 Anos de Resistência Indígena*. São 45 fotos que mostram desde índios trocando, pela primeira vez, seus machados de pedra por outros de aço, até índios moribundos, morrendo de gripe ou sarampo. Há uma foto de Mário Juruna de 1974, já de radinho de pilha na mão, e um trabalho em torno dos índios gaviões, no Sul do Pará, que, graças a uma indenização recebida em troca de suas terras, têm freezer e televisão a cor em suas casas.

A maior parte do material é de Edilson Martins, que, desde 1969, já acumulou mais de 3 mil negativos. Como ele sempre se vira mais repórter do que fotógrafo, os negativos estavam esquecidos, estragando-se em velhos depósitos e armários. Foram descobertos por Ilana Lansky, que se deslumbrou com o material e organizou a exposição. Ela então juntou as fotos de Edilson, oito trabalhos seus, até mais elaborados tecnicamente, realizados nos últimos dois anos. O resultado é um amplo painel das culturas indígenas brasileiras desde os txucarramães e kreen-akarores, do Parque do Xingu, aos cintas-largas e suruis, do Parque Aripuanã, em Rondônia, até os xokrens e guaranis, do Sul do país. A exposição se destaca por seu aspecto didático e jornalístico, mas há fotos belíssimas, como as feitas por Edilson Martins entre os kamaiurás, do Parque do Xingu, numa cerimônia do Quarup (que celebra os mortos ilustres da tribo), ou as mulheres xicrins, do Sul do Pará, retratadas por Ilana Lansky em 1984.